

MERLÍ

Virei professor por acaso. Recém-formado em arquitetura, fui convidado para lecionar artes nos cursos das Faculdades Pestalozzi em 1974 (que virou a UNIFRAN) e não parei mais, até hoje sou colaborador voluntário do mestrado em Políticas Públicas da UNESP de Franca. Em 1980, fui demitido da UNIFRAN por “incompetência” segundo seu proprietário, mas segui adiante e lecionei 36 anos na UEMG em Passos, o que sinaliza algo bem diferente de “incompetente”. Nunca fui um professor brilhante, mas dedicado e honesto com as responsabilidades que assumi como docente. Certamente, cometi erros, muitos, com alunos de todos os tipos e gêneros, mas não exigi deles mais que de mim. Sei que tive acertos porque aprendi muito com eles e mesmo passados tantos anos de convívio em sala de aula, antigos alunos se tornaram amigos e relembram de forma positiva meu trabalho em sala de aula.

Por isso, assistir uma série de TV como “Merlí” é um prazer merecido para quem passou boa parte da vida em sala de aula (aviso que a indicação foi do Renato Janine Ribeiro). Produzido pela TV da Catalunha, as três temporadas com as aventuras do professor de Filosofia Merlí Bergeron (o ótimo Francesc Orella) e de seus alunos do ensino médio (os peripatetics) são um banho de filosofia, cultura e emoção. Lembrou-me minha turma do IETC na Franca provinciana dos anos 60, guardadas as proporções: as indefinições do “turning point” que é a adolescência, a descoberta do sexo, do amor, drogas, o valor das amizades, o medo do futuro e das decisões a serem tomadas na passagem para a vida adulta, tudo está ali, permeado pela sala dos professores, cada um deles com suas características e idiossincrasias.

A série (gravada em catalão), através de “aulas” de filosofia (cada capítulo traz ideias de um filósofo, dos gregos pré-socráticos aos contemporâneos), apresenta um humor corrosivo, sarcástico, às vezes cínico, repleto de críticas ao governo, à educação atual, à hipocrisia e desesperança de uma sociedade aplastada pelo capitalismo neoliberal, de uma sociedade de massas e de consumo desenfreado num país europeu e desenvolvido como a Espanha (discute até o separatismo catalão). Um professor rebelde, apaixonado e apaixonante com discurso envolvente, um anti-herói que mente, rouba e faz coisas “erradas” (as merlínadas) ao mesmo tempo em que cativa os alunos ao levar questões filosóficas e da existência ao seu dia a dia, sem prestar atenção ao politicamente correto.

Para Nemrod Carrasco, professor de filosofia que assessorou a produção da série, “Merlí” pretende resgatar a dimensão mágica da educação, hoje burocratizada após a instalação dos paradigmas do rendimento acadêmico, competências, habilidades, que tem mais a ver com economia que educação, dando a sensação que o ensino é hoje uma coisa muito diferente do que deveria ser, que é ensinar a pensar. Como *peripatetic* assumido, aconselho leitores, ex-alunos e colegas de profissão a refestelar no sofá com pipoca, uma Pepsi Twist e curtir “Merlí”.

Mauro Ferreira é arquiteto